

# O Pregão de S. Nicolau

Recitado por JOÃO FERNANDO ALVES MACHADO aluno do 11.º ano do Liceu Nacional de Guimarães



## O PREGÃO DE S. NICOLAU

BANDO ESCOLÁSTICO  
RECITADO PELO ALUNO

João Fernando Alves Machado

*Nas ruas da velha Dimaranes  
e nos locais que a tradição ordena,  
ao dia quinto de Dezembro de Mil  
Novecentos e Oitenta e Dois e pelo  
Autor dedicado a quantos, por  
desgraça ou por mau todo, têm um  
mês maior que o ordenado!*

O AUTOR

Silêncio! Cale-se todo o mundo  
Que as palavras mais douradas vou ditar  
No discurso mais sério, mais fecundo  
Que o Santo Padreiro me inspirar!  
Serão verdades só as que rotundo  
Este Pregão aqui vos afirmar  
Pois três noites perdi meditabundo  
Na selecção dos temas a tratar...

Começo sempre por pedir aos nubes  
Que são da nossa Festa Inspiração  
Das luzes do Saber antigos lumes  
E a nossa Sor' Aninhas o perdão  
Pois estes tempos negros sem perfumes  
Podem bem transformar este Pregão  
Num rol de carpeleira, só queixumes  
Um eco só da vossa frustração!

Ficai sabendo: o Santo autorizou  
Que as Escolas agora unificadas  
Engrossassem as hostes que fundou  
E de Minerva são também amadas!  
Folgam agora juntos os meninos  
Outrora dos folgoedos afastados:  
Todos são estudantes, Nicolinos  
Na devoção do Santo irmanados!

E atental, ficai também sabendo  
Futricas de Mercedes e gravata  
Que o Povo trabalha merecendo  
Mais respeito de quem assim o trata:  
Quem não trabalha coma do que faz  
Porque o Santo jamais sustentaria  
A manguelice de tanto salafraz  
Que prega por aí Democracia!...

Se a crítica vier, feroz verrina  
Que seja ao nosso jeito popular  
Pois quando o Povo aprende sempre ensina  
E tem sempre razão ao criticar  
Quem à mentira só se determina  
E o faz sofrer de dor, esperar  
Quando o discurso vem de gente fina  
Que prometendo o faz para enganar...

O Faria Martins me pede diga  
Que é tempo de acabar a confusão  
De o Povo não pensar com a barriga  
E de não mais andar de mãos no chão...  
O Mota Prego esse me diria  
Que promessas em tempo de eleição  
São como sombras na radiografia  
Devidas só a má exposição...

O Passos me diria com razão  
Em seu alto saber de cangalheiro  
Ser difícil meter num só caixão  
Os conselhos e mais o conselheiro!  
Pois outros mais conselhos breves dão  
A este vosso humilde Pregoeiro:  
Ojalá que o segundo Balsemão  
É igual ou pior que o primeiro!

A economia vai tão degradada  
Que a uns resta migalha a outros naco!  
A lenha tão às pressas foi queimada  
Que de salgueiro não resta cavaco...  
A crise é mundial e alastrada  
Fez das nossas finanças um tal caco  
Que está na moda a letra protestada!  
Toda a gente a pedir sem mostrar saco...

Nos bancos só se vê feroz usura...  
Ao Comércio se faz acusação  
De só de caras coisas ter fartura  
No contágio voraz da inflação!...  
E o Povo vivendo esta loucura  
Lá vai fazendo grande figurão  
Passando cheques cuja cobertura  
Umás vezes é certa e outras não...

A Indústria coitada lá se arrasta  
Peregrina forçada à C. E. E.  
— Que cada vez de si e mais se afasta —  
Aguentando tratos de polé...  
Anda a sardinha russa na canastra;  
Há fugas nos impostos do café;  
Drogam-se amendoins, coisa nefasta  
E quem tudo isto paga é o Zé!

Até o vinho, outrora a salvação  
O ponto forte em nossa economia  
Acaba de sofrer proibição:  
Já não pode beber quem o bebia!  
Antes, durante, após a condução  
O sumo de uva que a lei permitia  
Mudou-se agora em sumo de limão  
Ou copinhos de leite em leitaria...

Vai o tasqueiro assim tocar viola  
E o lavrador, coitado, vai pagar  
O adubo mais caro, que se amola  
Enquanto bebe em casa até fartar  
O produto da vida corriola  
Que o Governo por Coca vai trocar!  
Ou vai pedir por aí qualquer esmola  
Para a Maria e a prole sustentar...

Depois coitado, de tripa vazia  
Irá pagar taxas moderadoras  
Para curar de vez a estranha azia  
Que lhe provém das águas salvadoras  
Mais caras que o vinho que vendia:  
Oh! Mentes de Lisboa redentoras!  
Oh! Nomes desta louca Economia  
Que pensam que vinhedos dão amoras!

E de calças na mão outros coitados  
Lá vão pagar a décima na bicha  
Sempre em novos papéis bem enrolados  
Onde o fiscal saber melhor se anicha!  
Nestes novos processos melhorados  
O pobre cidadão a letra espicha  
No preencher de linhas e quadradões:  
A resmungar lá paga que se lixa!

Que Balsemão, Eanes, e Soares  
Deixem de andar por aí em passeatas  
Visitando recônditos lugares  
Como frades em busca de beatas:  
Que tratem de fazer melhor Governo  
Baixar o preço ao peixe e às batatas  
Ou que se ponham todos no Inferno  
Que este povo tão é de pataratas!

E que Cunhal mudando de "cassete"  
Com que pensa brilhar cá na parvónia  
Faça o milagre e grande brilharete  
De as amplas levar para a Polónia!  
E que de Reis não fale mais o Teles  
Sem nos dizer qual o nosso Rei seria  
Se um dia nas urnas os "papeles"  
Elegessem de vez a monarquia...

E não pensem que escapa o CDS  
Só que não posso aqui falar de gente  
Que em tricas e discursos amolece  
Um Povo já abalado e doente!  
Mas qualquer dia tudo isto aquece  
E as sondagens dirão ser diferente  
O que este Povo quer e apeetece:  
Governo forte às tricas indiferente!

O barbas do Cê Erre porta voz  
Que recolha ao quartel bem descansado  
Que o Povo fica bem melhor a sós  
E dispensa os conselhos que tem dado!  
Só Nicolau, o Santo, é Democrata  
E se este Pregão for bem ouvido  
— A palavra do Santo o Povo acata —  
Nicolino será novo Partido...

Na França reina agora Mitterrand  
Que é muito "mon ami" e por sinal  
O Gonzalez tem a Espanha na mão  
Com uma maioria sem igual!  
Ser ou não ser, eis a final questão  
Que se nos põe no campo social:  
Quem será no futuro o figurão  
Que vai reinar aqui em Portugal?

Que vai por aí agora no Ensino  
Pelos novos senhores inventado?  
Qual é o fim, qual é o nosso destino?  
São os Pais as cobaias, nós o gado...  
O programa mais torpe e mais cretino  
Em cada novo ano é aprovado:  
Engenheiros estudam o pepino  
Agrónomos potências ao quadrado!

Clência de cordel vai esbanjada  
No tempo que nos roubam precioso  
Como se a nossa vida fosse nada  
E o futuro aberto e radioso...  
Do prático saber anda arredada  
A malta no caminho doloroso  
De tanta lei trapaça atrapalhada  
De um Ensino vazio e presunçoso!

A malta a estudar até rebenta  
São mais os tempos mortos que os vivos:  
Aulas a prestações para setenta  
E mil reprovações por mil motivos!  
Antigamente tínhamos Reitor  
Estudo persistente e velhos livros:  
Agora temos o tal computador  
A repescar os mais reclamativos...

As hostes de Minerva estão em luta  
Contra quantos fizeram do Ensino  
A forma mais directa, mais estulta  
De doutorar aí qualquer Calino!  
Não se faz de doutores uma Nação  
Como se tenta em louco desatino:  
O Ensino prepara a profissão  
E cada profissão tem seu ensino...

Nós queremos lutar pelo melhor  
Não podemos viver assim à toa:  
Tem cada um na vida seu pendor  
Em cada sino seu badalo soa...  
Cada arte merece um Professor  
— Que o saibam os senhores de Lisboa —  
Escacaremos o computador  
Que de tantos poderes se apregoa...

O velho Hospital é um desastre  
E muito mais o Banco, a Urgência  
Onde encontrei um dia certo traste  
Que esgotou a minha paciência!  
Que crime como eu ninguém cometa:  
Só por pedir medidas de tensão  
Sem preencher a douta papeleta  
Ouví de desaforos um sermão...

Da medicina o barbas burocrata  
Deve pensar-se um mago e o maior  
Mas dela creio eu que só retrata  
Escassa minoria e da pior:  
Médico, não! Funciona de bata  
E ébrio de poder e despudor  
Quem busca tratamento só maltrata  
Com insultos até ao corredor!

Apenas porque antes de morrer  
O astro que no Banco impõe o medo  
Obriga o paciente a preencher  
A papeleta vil que é segredo  
Da mor eficiência e do saber  
Destes raros heróis tipo Macedo  
Que impedem os doentes de dizer  
Que lhes meça a tensão depressa e cedo!

Que saudades da antiga medicina  
Despida de tão vis burocracias  
Quando a fatal doença mais verrina  
A curava em bondade o Mário Dias!  
E outros a Saudade nos ensina  
A preleitar aqui sem fantasias:  
Tardia hora, noite mais malina  
Lá a casa do pobre o Isafas...

Serviço de Saúde é isso aí:  
Cumprir o que a Hipocrates jurado  
No tempo antigo em regra sempre vi  
E agora só vejo excepcionado!  
Senhor Ministro, atenda agora aqui:  
O Povo tem direito a ser tratado  
— Foi na Constituição que eu o li —  
Sem ser pela doença explorado...

Agora atenção: Ides sonhar  
Que esta-bela cidade que é o berço  
E da lusã Nação o pátrio lar  
Recebe de Lisboa o inverso  
Do nada que costuma alcançar  
E não chega a metade nem ao terço  
Das gultas que aqui vêm cobrar:  
Ides sonhar agora só Progresso!

O relógio sineiro da Oliveira  
Deixou de dar as velhas marteladas  
Que as turísticas almas estrangeiras  
Não gostavam de ser mal acordadas...  
E Vizela em fúrias mil guerreiras  
E de as populações acitadas  
Sai fora dos carris em brincadeiras  
Lá deixa as linhas mais que levantadas!

Do comboio saudades e mais nada  
Que sofreu em Vizela a linha cortes  
Quando a População "orientada"  
Por um concelho seu lançou as sortes  
E viu a sua fúria até filmada  
Levou o conflito até às cortes:  
O Governo aos quesitos disse nada...  
Só falou o Ministro dos Transportes!

E lavrou lá do alto tal sentença  
Que D. Afonso até ficou pasmado:  
Enquanto o povo andar em desavença  
Não será o carril recolocado!  
Que vontade de rir, vontade imensa  
Do tremendo castigo que foi dado  
Por quem o governar tão fundo pensa:  
Comboio não há mais! Fica parado!

O senhor Presidente: por favor  
Não deixe mais o burgo à deriva!  
Avance agora o Plano Director  
E que a Cidade cresça, que reviva  
Em obras tais e tais, de tal valor  
Que abafe a triste sina, a sorte esquila  
Que nos persegue por o Fundador  
Transferir a Lisboa a Corte Antiga...

O Ciclo está pronto ou quase assim  
E o Hospital de novo prometido  
— Que queira Deus nunca me sirva a mim —  
Será decerto um dia concluído...  
A via da cintura, essa sim  
Tornará nosso trânsito fluído  
E estamos nós aqui esperando o fim  
Das obras que trazemos no ouvido...

O matadouro, esse chavascal  
Onde as reses esticam o pernil  
Pode mudar decerto de local  
Pois cheira mal até em Creixomil!  
Abram-se ali acessos à Central  
Essa promessa já de antes de Abril  
E das barracas que são a actual  
Faça Vexa um histórico canil!

Compre Vexa de asfalto um pouco mais  
Para tapar por aí a buracada  
Mas exija de Cónchos e que tais  
Obra que saia limpa, aprimorada  
Pois são muitos os lagos naturais  
Que nos surgem à mínima chuva  
E as ruas transformadas em canais  
Obrigam travessias de jangada...

Nossos "TUGS", senhor, os machimbombos  
Apinhados de gente, a fumegar  
Que pisaduras negras de mil tombo  
Nos fazem penitentes suportar!  
Ao monte da sucata tais escombros  
E se a concessão for de acabar  
Que acabe já pois somos nós os bombos  
Que estamos a sofrer e a pagar...

E não ligue demais às reuniões  
Onde as ausências são coisa notória;  
Os Presidentes tomam decisões  
E só Napoleões fazem História!  
E se às vezes surgir uma quezília  
Numa troca formal de opiniões  
Acaba por ficar tudo em família...  
Todos somos por cá uns brincalhões!

Meninas, vinde a mim, faço tenção  
De vos tornar rainhas por um dia  
Ao levantar a lança em minha mão  
Como só Lancelote a ergueria:  
E levará na ponta uma maça  
Da mais plástica e pura fantasia  
Pois ao preço medonho a que estão  
As verdadeiras quem as compraría?

Mas no baile depois eu te direi  
Em palavras serenas, cicladas  
Que maçãs bem mais lindas encontrei  
Nas do teu rosto, belas e coradas...  
E sabe Deus até se casarei  
Ungido em tuas graças de paixão  
Pois já o desemprego assegurei  
E vou ganhar por ele um dinheirão!

Concentrai o esforço! Atenção!  
Ao alto as maçanetas bem erguidas  
Que prestes vou cessar este pregão  
Que é mensagem de Paz em vossas vidas!  
Um barulho infernal fazel agora  
Que abafe a Política inconstante  
De quem brinca conosco a toda a hora  
E zomba e ri da capa do Estudante!

Que sejam as mocadas repartidas  
Por quantos poderosos nos esquecem  
E aquelas que em asneiras repetidas  
O nosso Portugal mais empobrecem!  
Força no braço! Hostes aguerridas!  
Ponhamos de vez fim ao meu Pregão  
E que as peles dos bombos bem batidas  
Abalem toda esta confusão!

A. Meireles Graça  
Recita - Lisboa / 82